

PELO PRAZER DE LER

Eliana Yunes
(Fundação Biblioteca Nacional e PUC-RJ)

A relação entre ler e prazer tem sido, nos últimos anos, valorizada, depois de décadas em que se falou em criar o hábito de leitura, como se bastasse automatizar um gesto e executá-lo sem maior atenção, como quem, dirigindo um carro, aperta pedais e passa marchas.

A questão, no entanto, é de outra ordem. Prazer, nos ensina a psicanálise, é um estado de satisfação do desejo, em que todo o indivíduo encontra o bem-estar, ainda que temporário, ainda que efêmero. A tendência humana, entretanto, é buscar repetir estas experiências em detrimento das situações repressivas, isto é, em negação ao que separa, restringe, reduz.

O ato de ler é um ato da sensibilidade e da inteligência, de compreensão e de comunhão com o mundo; lendo, expandimos o estar no mundo, alcançamos esferas do conhecimento antes não experimentadas e, no dizer de Aristóteles, nos comovemos catarticamente e ampliamos a condição humana. Esta sensação de plenitude, iluminante, ainda que dolorosa e aguda, tem sido constante, que o discurso artístico proporciona. Diante de um quadro, de uma música, de um texto, o mundo inteiro, que não cabe no relance do olhar, se condensa e aprofunda em nós um sentimento que abarca a totalidade, como se, pela parte que tocamos, pudéssemos entrever o não-visto e adivinhar o que, de fato, não experimentamos.

O prazer é também um longo aprendizado, embora esteja presente desde sempre, nos ensina Freud, na pulsão de vida. A manifestação do prazer precisa ser cultivada, atentamente acompanhada, para que se possam descobrir as condições de sua produção.

Com a leitura não acontece de modo diverso. Há que se conhecer o que é ler, como ler, para usufruir de seu prazer. A prática leitora na sociedade brasileira não corresponde, via de regra, senão ao uso estrito imposto pela sociedade de massas. Lemos anúncios, quadros de indicação óbvia, como "saída", "é proibido fumar" e mesmo assim saímos pela entrada e fumamos onde não é permitido. Uma advertência menos corrente não é sequer assimilada pelo olhar que decifra as letras: "aguarde em fila única" e lá estamos nos atropelando em balcões a necessitar de cordas que nos encurralem para proceder conforme a indicação.

Na sociedade brasileira, uma das metades não lê porque não sabe, a outra porque não quer. Por que então insistimos na escola? Pelo diploma, pelo cumprimento formal de um rito iniciático ao universo da produção? Repito, vamos à escola "aprender a ler" e saímos de lá detestando tudo que se relacione com ela.

Evidente que, além do processo de iniciação — nisto os construtivistas têm razão - em que a palavra escrita não é fragmento, mas corresponde à mesma totalidade da linguagem oral dominada (ainda que só por hipótese, a princípio), a leitura deve constituir-se em um recurso para se alcançar o mundo que não temos, não conhecemos e sequer imaginamos.

Ler significa descortinar, mudar de horizontes, interagir com o real, interpretá-lo, compreendê-lo e decidir sobre ele. Desde o início a leitura deve contar com o leitor, sua contribuição ao texto, sua observação ao contexto, sua percepção do entorno. O prazer de ler é também uma descoberta.

Será, contudo, muito difícil descobri-lo se não há condições explícitas para esta intimidade. O teórico francês Foucambert tem advertido que a oferta de leitura para além dos *outdoors* deve ser considerada seriamente pelos administradores sociais, que a valorização da palavra escrita deve estar presente para os cidadãos em espaços sociais diversos, dos parques aos museus até incluindo a TV.

Em meio à grave crise social em que nos debatemos há décadas, com uma população empobrecida, desperdiçada, descrente, sem perspectivas de futuro melhor, testemunha da vantagem e impunidade dos oportunistas, a educação tem-se revelado inócua, e, no bojo dela, o papel da leitura começa agora a se explicar.

Malgrado isto, é justamente a afirmação de uma consciência crítica que possa articular situações, opiniões, fatos, que nos dará condição de intervir, optar, decidir sobre o universo que nos toca. Neste caso a informação é definitiva, se aprendemos como usá-la. Esta é a mais cara moeda do século: quem está informado pode com mais rapidez e clareza fazer escolhas. Descobrir o serviço que a leitura presta, a capacidade que ela tem de fortalecer a cidadania, é um começo.

Ler para quê? Para as provas? Para o vestibular? Para o concurso? Ler para viver. Ler a vida. Ler para ampliar as perspectivas, para associar idéias, para re-inventar o mundo a partir da condição pessoal. De nada adianta passar de ano, obter um certificado, se não há mudança qualitativa de vida. Sem dúvida, a leitura por si só, não resolve os problemas sociais e/ou individuais, mas ter opções, compreender as situações é menos amargo que ser levado sem domínio do entorno. O conhecimento de outras vidas, de outros tempos, de outras histórias, de outras culturas se oferece com contraponto, e as dimensões de uma tragédia grega fazem eco em ocasiões cotidianas de um cidadão comum: quantas Medéias, quantos Caim, temos conhecido? Se é possível ver a ancestralidade de certas histórias, nos sentiremos como assinala Frank Smith, menos autômatos, menos solitários.

Há, portanto, um prazer na informação obtida, há uma sensação de mundo mais amplo que a leitura pode trazer, mesmo às margens do séc. XXI, numa sociedade eletrônica onde o visual parece substituir o verbal, ganhando com a simultaneidade de sinais um maior impacto que a linearidade das palavras. Estas, contudo, não têm transparência absoluta, não são o que parecem ser nem são descartáveis em seu valor de uso: ninguém lê hoje **Iracema** de Alencar apenas pelo seu significado no século XIX, e sua leitura agora redimensiona o romance aos olhos de novos leitores do século XX. As palavras flutuam mesmo quando as queremos precisas porque, tanto quanto a razão lógica, elas nascem do imaginário humano.

Deste modo, dentro e fora da escola, crianças e adultos, precisamos reaprender a ler, a reinventar a leitura. E o começo é perceber que não lemos palavras, lemos seqüências onde as palavras se comunicam, se negam, se contradizem e nos surpreendem: espreitar suas relações, observar suas ambigüidades, pode nos proporcionar um espaço mais rico de informações: "claro enigma", nos dizia o poeta Drummond. Partilhar segredos, percorrer mistérios, é tentador. Viver a aventura da palavra é viajar pelo tempo/espaço. A palavra oral, as narrativas antigas, sustentaram a história do mundo e civilizações até que a escrita, prometida como cura para o esquecimento, quis-nos garantir a memória fixa, e tornou-se veneno para a experiência humana, segundo o diálogo de Platão em **Fedro**. Sabedores disto, mesmo ortodoxa, mesmo sagrada, a palavra é múltipla e vária: o que é a verdade, perguntava o inquisidor romano diante do nazareno, temendo sua resposta. Ler é pois interrogar as palavras, duvidar delas, ampliá-las. Deste contato, desta troca, nasce o prazer de conhecer, de imaginar, de inventar a vida. O mundo é representação de linguagem, hoje

sabemos. Nada há que esteja fora das palavras, e o mundo real tem tantas formas quanto discursos há. Neste caleidoscópio de perspectivas, o horizonte se rasga, vivemos muitas vidas e conhecemos melhor a história cotidiana. Nasce o prazer de ouvir — as histórias da primeira infância nos povoam de densidades e mistérios para sempre — até que possamos nós mesmos brincar com as palavras, jogar seu jogo pesado, matar e fazer viver com elas.

Se o professor, o pai, o bibliotecário, o mediador inicial enfim, deixam escapar esta chance de apresentar o sabor das palavras, o gosto do saber vai desaparecendo paulatinamente, até que nos isolamos num medíocre vocabulário cotidiano, lemos só o já lido, ficamos cegos diante da luz. O aprendizado da leitura, técnica, psicológica e filosoficamente é uma tomada de posse do mundo nesta civilização da escrita. Em outros tempos, era o verbo da oralidade, mas sempre é o verbo: lê-lo, aproximá-lo, é aproximar-se de uma condição (in) suspeita, onde, dirigidos que somos por ele, lutamos para dirigi-lo e experimentar um novo prazer. Lutar com as palavras é luta vã, provocou o poeta que, com sua obra, nos provou o contrário.

A questão, no entanto, não se limita a considerações de ordem filosófica. Com frequência, em nosso país ao menos, há um abismo entre o pensar e o fazer, como se a inserção do pesquisador na prática, conspirasse o seu livre-pensar. O que sustenta o desenvolvimento das teorias é a análise das práticas.

Foi pois observando a relação inicial das crianças com a escrita e a leitura, que em 1972, supervisionando a escola básica do Colégio Santo Inácio dos Jesuítas no Rio descobri algumas faces de uma mesma questão e o quanto mais havia com ela relacionado. Primeira: crianças precisam desde pequenas de uma convivência gratificante com livros e histórias; por isso era indispensável a consolidação de uma biblioteca infantil com acervo atualizado, e fazê-las recuperar a experiência de ouvir contos. Segunda: raríssimos professores gostavam de ler, e só como fiscais acompanhavam a hora de visita à biblioteca que criamos. Terceira: algumas vezes fazíamos projeções de histórias em *slides*, noutras a bibliotecária, ainda tímida, contava uma história, e nas oportunidades seguintes os meninos, orientados por uma catalogação a cores na lombada, escolhiam os livros. Quarta: a biblioteca como espaço da "folga" e do puro lazer, só a princípio surtiu efeito. Era preciso percebê-la como lugar da curiosidade satisfeita, da pesquisa, que, bem orientada, pode ser extremamente compensadora, aliviando a pressão dos trabalhos "em" casa. Quinta: professor não sabe e não gosta de pesquisar — era pois uma necessidade orientá-los para saírem de suas aulas padronizadas, carbonadas, literalmente, de uma para outra sala, nivelando turmas diferentes no ritmo do padrão iniciano. Sexta: a leitura para o prazer de se divertir ou de estudar era uma experiência penosa para a maioria das crianças. Mas quem gostava de ler ao seu redor? Uma enquete feita entre os pais mostrava que liam as colunas sociais, esportivas e econômicas (na faixa da média e alta burguesia). Os professores não tinham esta prática, os meios de comunicação não ajudavam.

Tentamos o círculo leitor de professores — adesão voluntária — mas seria preciso fazer o mesmo com os pais. E obrigatoriamente mudar o tratamento da leitura na sala de aula e na biblioteca. Diante das perguntas por onde começar? o que ler? optei pela literatura oral, tema de todos. Por aí descobri que a prática leitora pode ser sensivelmente ampliada se convivemos com histórias literárias de qualidade. E não é tão complicado, circunstanciados historicamente, dizer o que é literariamente bom: os recursos de linguagem no discurso literário desdobram a mimesis e a verossimilhança a perspectivas nunca dantes enfocadas. De um "causo" com foro de verdade a um enredo imaginário, entre unicórnios e moças tecelãs, é possível criar uma credibilidade que co-mova o ouvinte/leitor. Como um bumerangue, o texto sai das mãos do autor, se distancia dele e do leitor, e numa curva

imaginária longínqua redescobre o caminho de volta para apanhar o (des)prevenido leitor.

O mundo organizado se desorganiza, o mundo caótico ganha sentido, o fantástico é experimentado, a história ganha condições de maravilhoso e o maravilhoso de verdade. Aqui e ali o mundo se explica. A brutalidade da seca nordestina é mais autêntica em **Vidas Secas** do velho Graciliano Ramos que em tratados de antropólogos, cientistas sociais ou geólogos. A literatura desrealiza e vivifica; desfoca e aproxima; sintetiza e revela. A palavra instaura o mundo (no princípio era o verbo): o leitor interagindo com o texto é co-autor e sente perpassá-lo a condição de criador. O literário, sem compromissos com a história, mostra seu avesso. Por isso grandes ensaístas, pesquisadores, filósofos não prescindem da literatura ou da referência à arte: Freud, Foucault, Bachelard, Barthes, para falar apenas de contemporâneos, entremearam com ela seus discursos de saber.

De uma boa história ninguém escapa, diz o "conto do vigário". Sempre queremos ouvir mais uma, como o velho sultão Xaixar, que, esquecendo a morte anunciada, redescobria a vida fluindo das narrativas de Sherazade.